

2

A caracterização da compreensão e da vivência da sexualidade humana na sociedade atual

Introdução

A contemporaneidade, marcada por uma complexa virada sociocultural e antropológica, vem transformando radicalmente a vida das pessoas em suas experiências e compreensão acerca da dimensão afetivo-sexual. Os assuntos, de ordem moral, em torno das questões afetivas e sexuais que envolvem as pessoas são diversos e bastante polêmicos. São questionamentos em sua maioria sem respostas que produzem uma soma de reações nas pessoas nas variadas culturas, desde as inquietações, as indiferenças, aos exageros escrupulosos, à banalização dos afetos e da sexualidade.

Em função da abrangência temática, o segundo capítulo trata alguns assuntos específicos à sexualidade humana com o seguinte recorte: visão de corporeidade e sexualidade explicitadas hoje pela sociedade; questões de gênero, do “ser homem” e do “ser mulher” na perspectiva de uma antropologia da diferença; diversidade sexual com suas dificuldades; mecanismos de instrumentalização, entre eles a manipulação e a banalização da dimensão sexual; erotização exacerbada numa cultura consumista e hedonista.

Far-se-á uma breve explicitação, construindo-se uma base para reflexão ético-teológica posterior acerca da sexualidade humana. Não há intenção de emitir juízo ético. Apresentar-se-á a dimensão afetiva e sexual na sua realidade contemporânea.

2.1.

A concepção de corporeidade na sociedade contemporânea

É necessário que se aborde primeiro a questão da corporeidade para melhor explicar as características da sexualidade humana vivida nos dias atuais.

Surge um novo imaginário social do corpo de uma maneira peculiar que tem sido refletido à luz do que se entende como neonarcisismo. O corpo perde o seu estatuto de materialidade muda, em vista de sua identificação como ser-sujeito, como pessoa, conforme aponta G. Lipovetsky:

O corpo (...) designa a nossa identidade profunda da qual não há motivo para ter vergonha e que pode, portanto, exhibir-se nu nas praias ou nos espetáculos, na sua verdade natural. Enquanto pessoa, o corpo ganha dignidade; devemos respeitá-lo, quer dizer zelar permanentemente pelo seu bom funcionamento, lutar contra a sua obsolescência, combater os signos da sua degradação através de uma constante reciclagem cirúrgica, desportiva, dietética, etc.: a decrepitude “física” tornou-se uma torpeza.⁶⁹

Para M. Maffesoli, referir-se ao momento presente, ou ao que denomina de “presenteísmo”, é afirmar que o corpo tem um lugar especial na cultura contemporânea, permeado por uma vivência hedonista.⁷⁰ E completa, o que,

parece desconcertante atualmente é que o corpo é tomado em si mesmo; há uma espécie de culto ao corpo que ganha cada vez mais importância na vida social. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo, e é nesse sentido que se pode falar de um culto ao corpo como sendo (um pouco por todo o lado do mundo) uma das marcas deste hedonismo.⁷¹

Assiste-se a um verdadeiro “boom” da imagem corporal, muitas vezes caricaturada e que nem sempre indica a saúde física que pretendem deixar transparecer. Há uma explosão de atenção voltada para o cuidado do corpo em todos os níveis: privado e público.⁷² Vê-se florescer o culto ao corpo nos mais diversos setores como na literatura, no cinema, no teatro, nas artes em geral e nos costumes.

O medo do envelhecimento e da morte integra parte da cultura neonarcísica, quando preconiza as tentativas em afastar o sofrimento da vida das pessoas, como se isso fosse possível. O desinteresse das gerações atuais pela elaboração de projetos de vida, acerca do futuro, intensifica a angústia do medo da morte. A juventude que não se vê idosa, negligencia e incentiva a convivência com a degradação das condições de vida dos idosos. Prioriza o hoje e o imediatismo encontrando maior lugar no espaço mental e comportamental das pessoas. O ser humano investe numa necessidade permanente de auto-valorização, de ser admirado por sua beleza e desejado por seu encanto, de tornar-se uma celebridade.

⁶⁹ LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio*, op. cit., p. 58; cf. CONTALDO, S. M. Modernidade, pós-modernidade e corporeidade: uma visão filosófica. In: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) (Org.). *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 89-96.

⁷⁰ Cf. MAFFESOLI, M. Deixar de odiar o presente. In: *Ética e estética em Antropologia*. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC/CNPq, 1998, citado in: GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit., p. 28.

⁷¹ Ibidem, citando M. Maffesoli.

⁷² Cf. ROCCHETTA, C. *Hacia una teología de la corporeidad*. Madrid: San Pablo, 1993, p. 79.

É um processo de des-personalização que tenta postergar a realidade do sofrimento, do envelhecimento e da morte. Importa viver o dia de hoje. Muitas vezes as pessoas acabam enveredando pelos exageros ou pela negação do que pertence originalmente ao ser humano na sua realidade existencial.

O “retrato” sociocultural que se expõe é de corpos solicitados e forçados pelo consumismo, pelas intenções materialistas capazes de afastar a pessoa de si mesma distanciando-a de sua identidade profunda e do outro. E. Miranda observa que:

O homem moderno não consegue mais visualizar os reflexos dos arquétipos divinos na geografia de seu corpo, nem em sua vida e muito menos no mundo que o cerca. Sua relação com a linguagem do próprio corpo é absurda (*ab-surdus*), marcada por uma surdez íntima sobre si mesma. Para ser ouvido, o corpo lança sintomas: dores, dificuldades digestivas, problemas respiratórios, quedas (...) De alguma forma, ele mostra o risco, o transitório (...) O humano insensível, cortado do seu interior, incapaz de ouvir seu ser profundo ou de entrar em contato com a riqueza de sua totalidade ontológica, deriva na busca de explicações exteriores para suas dificuldades e tropeços internos.⁷³

Numa situação de caos ou de anarquia (*an arché*) corporal o homem e a mulher se vêem na confusão, na desordem, negando princípios fundadores do ser, perdendo-se de seus arquétipos. Um ser humano separado de suas raízes ou de seus arquétipos é uma pessoa condenada ao não conhecimento de si mesma e do outro.⁷⁴

No campo das relações interpessoais não é diferente. Os relacionamentos acontecem de maneira interindividuais e fugazes, sem que haja uma ligação profunda e vínculos de compromisso. A pessoa se “protege” em sua vulnerabilidade reforçando a auto-suficiência afetiva, isto é, aproximando-se ao perfil de Narciso. Há uma fuga dos sentimentos, medo das paixões e da decepção, configurando certo distanciamento da expressividade corporal.

O corpo é assumido como consumidor e potencialmente como possibilidade de vir a ser consumido. Esse corpo, que é a pessoa, tem desejos e é estimulado continuamente para desejar mais e mais, permitindo que a máquina produtora do mercado funcione, gerando lucros capazes de fomentar um capital e uma economia manipuladores e alienantes. Nesse processo, o desejo é tão necessário

⁷³ MIRANDA, E. E. *Corpo. Território do Sagrado*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 22.

⁷⁴ Cf. *ibid.*, p. 23.

que há mecanismos técnicos para o estimular e o colocar a serviço do convencimento da pessoa para o consumismo.

Diante da indiferença emocional e afetiva, paradoxalmente, aparece uma excessiva preocupação com a aparência e a performance sexual. Uma indústria inconsequente e anti-ética promove e sustenta a divulgação de dietas, de cosméticos, das cirurgias plásticas destituídas de indicação terapêutica, drogas inovadoras, embora ainda pouco conhecidas nos seus efeitos adversos, alternativas “terapêuticas” para o aumento do tamanho do pênis etc.⁷⁵ Numa sociedade de aparências, é importante saber impressionar, mesmo sob ameaça da saúde física e psicológica. Há uma relação direta entre o corpo e a felicidade sensorial.⁷⁶

No passado houve inquestionável expropriação do corpo; hoje, o que se expressa como sendo uma reapropriação parece mais adequado ao que se chama de endeusamento desmedido. Há uma busca pelo condicionamento físico e pela capacidade de viver prazerosamente, imperativos na vida das mulheres e dos também dos homens.⁷⁷

Essa realidade, com todos os artifícios voltados para a visibilidade corpórea, questiona se a sociedade e a cultura, realmente se reapropriaram de maneira consciente e responsável sobre o corpo depois de séculos de invisibilidade e de maus tratos.⁷⁸

O culto ao corpo arrasta cada vez mais novos adeptos. A exposição corporal, através da mídia e das interações do cotidiano, é objeto da tentativa da instalação de uma nova moralidade, procurando convencer a sociedade de uma aparente liberação física e sexual, falseando a idéia de conformidade a um determinado padrão estético ideal.⁷⁹

O corpo feminino, na cultura brasileira, tem uma representação social expressiva e muito estereotipada. “Ser jovem, magra e bela’ é o imperativo

⁷⁵ Cf. GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit., p. 36-49 a autora pesquisa sobre os modelos de corpo que homens e mulheres brasileiros, em particular na cidade do Rio de Janeiro; “corpos” que uma grande parcela de pessoas gostaria de possuir, com destaque para determinadas partes corporais que mais atraem ou não.

⁷⁶ Cf. FREIRE, J. *O Vestígio e a Aura*, op. cit., p. 89-97.

⁷⁷ Cf. ibidem e recomenda-se cf. FERNANDES PINTO, M. J. “*De volta ao começo*” – Estudo sobre a bondade da Sexualidade Humana e suas implicações para o exercício da alteridade, a partir da obra de Eric Fuchs, “*Le désir et la tendresse*”, 1996, Dissertação de Mestrado, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 51-55.

⁷⁸ Cf. ROCCHETTA, C. *Hacia una teología*, op. cit., p. 80.

⁷⁹ Cf. GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit., p. 10.

categórico de nossos dias.”⁸⁰ Há uma hiper-valorização de alguns modelos de corpo feminino, erigidos através de uma construção cultural, privilegiando determinados atributos e comportamentos em detrimento de outros, cultivando-se a idéia de que para cada sociedade há um tipo de corpo específico e aceito.⁸¹ Nessas representações sociais negativas materializam-se práticas de exclusão, muito particularmente em relação as pessoas com deficiências, sobretudo as de ordem física e mental que vêm historicamente sofrendo discriminações; as pessoas que não se enquadram nos padrões de beleza e de fenótipo ideal. Por trás desse fenômeno sócio-antropológico e cultural, dois conceitos são fundamentais: o de “técnicas corporais”, isto é, a procura da aparência perfeita e o de “imitação prestigiosa”, ou seja, as pessoas entram num circuito mimético de comportamentos e imagens corporais, buscando os exemplos que obtiveram êxito e sucesso, especialmente, os difundidos pela mídia.⁸²

No século XXI, os corpos se “pavoneiam”, numa espécie de glorificação com exibicionismo público. Ocorre uma (re) descoberta do corpo ao mesmo tempo que se indica novos códigos da obscenidade e da decência; exalta-se a liberação física e sexual que se idealiza; reforça-se a necessidade escrava de conformidade a um determinado padrão estético que a cultura atual denomina de “boa forma” ou “vida saudável”.

Quanto mais se expõe o corpo, maior a exigência de autocontrole para que as imperfeições não apareçam. É um contraponto muito interessante para se pensar: “o decoro, que antes parecia se limitar a não-exposição do corpo nu se concentra, agora, na observância das regras de sua exposição.”⁸³ As tecnologias da imagem contribuem para a idealização corporal através dos photoshops, quando a ilusão “massageia” os egos em nome de uma beleza, na sua maioria estereotipada.

⁸⁰ Ibid., p. 29.

⁸¹ A preocupação com as discriminações ou atitudes anti-solidárias com os corpos adoecidos, deficientes ou portadores de anomalia deve ganhar espaço. Maiores esclarecimentos e combate às atitudes preconceituosas são necessárias. Lamentavelmente, ainda não há espaço em parte dos corações e em alguns segmentos da sociedade para os portadores de necessidade especiais, física ou mental.

⁸² Cf. GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit., p. 29.35-36.

⁸³ GOLDENBERG, M., e RAMOS, M. S. A Civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e Vestido*. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002, p. 25.

Os corpos estão expostos pela nudez da vulnerabilidade: nas vitrines para serem idolatrados, desejados, consumidos, e absolutamente não cuidados, não valorizados, não reconhecidos, impedindo que a pessoa se revele naquilo que a mesma representa e significa. “Acende-se de uma nova forma, laica e pós-moderna, o desejo da sobrevivência e da imortalidade, por meio de terapias que vão do corpo ao planeta ameaçado.”⁸⁴

A partir do exposto sobre a corporeidade, passa-se a dimensão sexual na expressão contemporânea.

2.2.

A compreensão da dimensão sexual na sociedade atual

Desde o século XIX, ampliam-se os estudos e as pesquisas para um melhor entendimento acerca da sexualidade humana.⁸⁵ Foi se definindo pela burguesia do tempo uma biopolítica do sexo voltada para “normalizar os comportamentos privados pelo controle das mulheres, das crianças e da sexualidade não reprodutiva.”⁸⁶ Nesse processo bem organizado, em meados do século XIX (1844-1886), na Alemanha e na Inglaterra, através da medicina, propaga-se a “primeira ciência sexual” ou “sexologia”.⁸⁷ Os progressos foram significativos mostrando a passagem de uma época pré-científica para uma época científica.

2.2.1.

A transição histórica da compreensão de sexualidade: da época pré-científica para a sociedade contemporânea

Como herança dos tempos pré-modernos, pode-se exemplificar as pressões sociais exercidas sobre as famílias numerosas, com a intenção de incentivar a

⁸⁴ MIRANDA, E. *Corpo*, op. cit., p. 25.

⁸⁵ O tema da sexualidade na sociedade contemporânea será abordado de maneira geral e não exclusivamente no contexto brasileiro.

⁸⁶ SOHN, A. M. O Corpo Sexuado. In: *História do Corpo*. Vol. 3. As Mutações do Olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 118.

⁸⁷ Cf. *ibid.*, p. 119, o autor completa que nesse período surgem dois livros importantes com o mesmo título – *Phychopathia Sexualis*, dos autores Heinrich Kaan (Médico de Leipzig, que publicou seu primeiro livro em latim no ano de 1844) e Richard von Krafft-Ebing (obra foi escrita em 1886 e traduzida para o francês em 1931), e os *Estudos de Psicologia sexual* de Havelock Ellis (1904), além dos trabalhos de Magnus Hirschfeld (publicados a partir de 1896, com mais de 30 volumes sendo o primeiro livro traduzido para o francês em 1908). Essa época caracteriza-se como a “proto-sexologia”, marcada pela nosografia, principalmente nas chamadas doenças venéreas, hoje DST’s (doenças sexualmente transmissíveis) e nas psicopatologias sexuais.

diminuição da prole. Separa-se a sexualidade do círculo obrigatório, na época, da procriação. A tendência na diminuição do número de filhos não foi apenas uma condição histórica, mas a consequência da introdução dos métodos modernos de contracepção. Estes não visavam apenas o controle da reprodução, mas ofereciam um novo status na vida pessoal, principalmente das mulheres, dando à vivência da sexualidade uma idéia de flexibilidade e como “propriedade” potencial do indivíduo sob a sua própria regência.⁸⁸

Dos padrões comportamentais da cultura rural, pré-industrial, aos tempos atuais da vida urbana, há uma virada complexa e acelerada na maneira do ser humano pensar e comportar-se sexualmente. Os referenciais morais/religiosos ficaram fragilizados. O processo de educação para a sexualidade, ameaçado, foi deixado de lado, não propriamente por falta de referenciais teóricos, mas pela dificuldade de aplicá-los à novidade que ia se impondo.

Alguns fatores desencadeiam uma sequência de mudanças que interferem nos conceitos e nas experiências no âmbito da sexualidade. A primeira e mais importante foi a teoria e a prática psicanalítica.⁸⁹

Este fenômeno comportamental se acentua através do influxo dos meios de comunicação social e das transformações ocorridas a partir da segunda metade do século XX, período da chamada “revolução sexual”. Variações comportamentais na área sexual refletiam em outras questões, sejam as socioculturais ou as político-econômicas. Especificamente na sociedade brasileira, M. Goldenberg aponta *Leila Diniz* como “ícone de uma geração” simbolizando mudanças no comportamento feminino na década de 1960, especialmente em relação à sua forma de enxergar a sexualidade, a conjugalidade e a maternidade.⁹⁰

⁸⁸ Cf. GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 36-37.

⁸⁹ BÉJIN, A. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos, in: BÉJIN, A; ARIÈS, P. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1985, p. 172. Béjin e Ariès apontam para a importante contribuição de Sigmund Freud (1856-1939), com o advento da Psicanálise. S. Freud afirma que o universo da sexualidade ocupa um lugar muito especial na vida do ser humano. Todas as relações humanas são perpassadas pela dinâmica de afetividade e da sexualidade. Um modo novo de compreender a sexualidade humana é apresentado pela psicanálise, mostrando-a como “todo um conjunto de fantasias e atividades existentes desde a infância, que produzem prazer e não podem ser reduzidas à satisfação de necessidades fisiológicas”.

⁹⁰ Cf. GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit., p 22. O conceito de conjugalidade ou “arranjos conjugais” é apresentado por M. Goldenberg como: “um vínculo amoroso com duração, apoio mútuo (emocional, financeiro etc.) e algum grau (ou expectativa) de fidelidade”.

Acentua-se o desconforto entre os formadores de opinião. Alguns educadores, sacerdotes, lideranças comunitárias e outras lideranças na sociedade civil, foram tomados de um profundo mal-estar e insuficiência ao abordar o tema da sexualidade humana. O antagonismo entre o puritanismo do passado e a permissividade desordenada atual continua desencadeando reações fundamentalistas ou relativistas, reforçando padrões antigos de moralismo ou negando normas e critérios éticos estabelecidos.

Dois riscos se apresentam para os que têm a responsabilidade na condução do assunto da sexualidade humana, como formadores de opinião e de comportamento:

- O primeiro, quando tende a restringir o assunto da sexualidade à denúncia retórica na tentativa de minimizar a própria consciência, eximindo-se da função de colaborador diante das questões que se apresentam. Na verdade é uma declaração explícita de impotência para a elaboração e condução do tema da sexualidade e dos afetos humanos diante dos avanços e desafios que surgem.
- Um segundo risco, de maior gravidade é a tentativa de se manter uma postura rigorista ou displicente em meio a insegurança diante das dificuldades em torno do tema, especialmente quando parecem contrários aos princípios éticos pré-estabelecidos. A sensação de falta de controle ou tolerância de permissividade afasta as possibilidades de educação e intervenção quando necessárias.

E. L. Azpitarte, tratando especificamente do contexto eclesial, acrescenta que “até a apresentação de um projeto ético ou educativo parece vergonhoso, por medo de nos apontarem como antiquados e incapazes de valorizar a cultura de nosso tempo.”⁹¹ As dificuldades em torno da explicitação acerca da sexualidade não é um fato novo, mas tem uma tradição marcada por muitas negações, tabus e constrangimentos ao longo da história e, em particular, do ministério pastoral na vida da Igreja. Educar para uma sexualidade integradora requer, desde o início, a realização de uma análise madura da realidade que se apresenta.

⁹¹ AZPITARTE, E. L. *Ética da Sexualidade e do Matrimônio*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 10.

A. Giddens, sociólogo, caracteriza a vivência atual da sexualidade como “plástica”, isto é, descentralizada e livre da “obrigação” reprodutiva. Esse elemento da contemporaneidade não é recente, mas remonta ao final do século XVIII. Terá seus desdobramentos na limitação do número de prole nas famílias; na difusão da contracepção e no avanço das técnicas de reprodução assistida (século XX);⁹² ligada exclusivamente ao eu; sexualidade livre da regra do “falo”, da importância subordinada à experiência sexual masculina, dando às mulheres a possibilidade de conquistarem maior autonomia.

A “autonomia” sexual das mulheres permanece muito mais no ideal-teórico do que realmente se espera e se vê. É recebida muitas vezes com uma ameaça, ao controle sexual exercido pelos homens. Como resultado das falhas desse controle observa-se maior visibilidade do caráter compulsivo da sexualidade masculina, produzindo um fluxo crescente de afastamento emocional entre os sexos e o que é pior, o crescimento da violência sexual dos homens contra as mulheres.⁹³

Baudrillard denomina esse momento como “princípio de desligação”, ou seja, uma forma de desequilíbrio, de vertigem, de complexidade e estranheza em relação à vivência da sexualidade pelo ser humano pós-moderno. Pode ser considerado como uma espécie de “pós-orgia” da modernidade, onde a liberação acontece em vários domínios. Esses comportamentos incentivam os mais variados discursos na tentativa de se re-organizar e compreender o caos instalado no campo da afetividade e da sexualidade.⁹⁴

A. Touraine, outro filósofo importante, define a sexualidade atual como um lugar central na formação do sujeito, uma vez que o remete “a uma experiência

⁹² Cf. GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*, op. cit., p. 10.

⁹³ Cf. ibidem, p. 10-11, o sociólogo faz referência a Organização Mundial de Saúde (OMS) ao afirmar que: metade das mulheres que sofreram homicídio foram mortas pelo marido, namorado atual ou ex-marido. A violência responde por aproximadamente 7% de todas as mortes de mulheres entre 15 a 44 anos no mundo todo. Em alguns países, até 69% das mulheres relatam terem sido agredidas fisicamente e até 47% declaram que sua primeira relação sexual foi forçada. Retirado da: OMS, Informe Mundial sobre Violência e Saúde 2002, disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/em. Para dados mais recentes, acessar: http://www.who.int/topics/gender_based_violence/en/; Pesquisa aponta para a impunidade dos agressores que cometem violência contra a mulher, pesquisa Ibope - Instituto Patrícia Galvão 2006 - Percepção e Reações da Sociedade sobre a Violência contra a Mulher, apoio: Fundação Ford e UNIFEM, Pesquisa nacional realizada em maio de 2006 - antes, portanto, da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 07/08/06).

⁹⁴ Cf. CARIDADE, A. *Sexualidade: Corpo e Metáfora*. São Paulo: Iglu, 1990, cita Baudrillard p. 67.

individual, ao engajamento da personalidade ao redor desta experiência”.⁹⁵ É ao mesmo tempo uma “vivência pessoal, uma relação com o outro e, mais profundamente, uma consciência de si mesmo voltada para a relação com a vida e com a morte.”⁹⁶ O sujeito, a que se refere Touraine, é um indivíduo fragmentado em múltiplas realidades, fragilizado, vulnerável e submisso aos influxos da propaganda e da cultura de massa, conforme já apontado no primeiro capítulo desta tese.⁹⁷

Este sujeito dividido entre a esperança e a raiva, desintegrado, seduzido pelas novas possibilidades e estímulos, mostra-se, apesar de tudo, decidido em buscar a sua liberdade. Essa realidade humano-existencial reflete-se nos comportamentos afetivo-sexuais na atualidade, como por exemplo: muitos homens e mulheres ao estabelecerem vínculo conjugal trazem na sua história uma reserva expressiva de experiência sexual, seja com o mesmo cônjuge ou com parceiros anteriores; uma parte das mulheres não se mostra mais passiva nos relacionamentos a dois, mas espera tanto receber como proporcionar prazer sexual; outras mulheres consideram o fato de ter vida sexual satisfatória como um caminho para a felicidade e durabilidade do casamento, não a dispensando; outras não admitem e nem toleram a dominação sexual masculina. Esses exemplos acarretam implicações para ambos os sexos, ainda longe de serem resolvidas através da dialogicidade ou negociação relacional.

As mulheres preocupam-se com os laços existentes entre a sexualidade e a personalidade enquanto os homens se aprisionam aos modelos culturais em declínio, valorizando suas funções públicas e profissionais, em detrimento aos afetos e à sexualidade vivida de maneira mais “inteira”.

Outro contexto preocupante, apesar da informação e da possibilidade de conquista da emancipação feminina, é a parcela significativa de mulheres que se mantêm subjugadas ao domínio fálico, dependentes de homens “provedores”. Nessa realidade pode-se encontrar a violência contra a mulher

⁹⁵ TOURAINE, A. *Um novo paradigma*. Para compreender o mundo de hoje. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 219.

⁹⁶ GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*, op. cit., p. 10-11.

⁹⁷ Cf. no capítulo primeiro desta tese este tema é melhor explicitado.

“institucionalizada”, isto é, quando acontece dentro da instituição matrimonial ou das relações “estáveis” e que nem sempre são denunciadas ou desfeitas.⁹⁸

Alguns homens, com maior abertura, aceitam o fato das mulheres se tornarem mais disponíveis sexualmente, e afirmam que nos vínculos sexuais desejam uma parceira mais intelectualizada e economicamente parecida com eles. Outra parcela se sente profundamente desconfortável com a conquista da independência feminina.⁹⁹

São inquestionáveis tais transformações. Ocorrem em muitas sociedades ocidentais e com alguma extensão, em outras partes do mundo. É claro que há divergências significativas entre países, subculturas e camadas socioeconômicas diferentes. Algumas sociedades apresentam uma história de intolerância sexual mais acentuada do que outras. Para os que vivem nestes contextos, sobretudo para as mulheres, a realidade é dramática e perturbadora.

A sexualidade parece ser algo que cada um “tem” por conquista particular, e não como uma condição essencial da natureza humana. Esta se apresenta como uma maleabilidade do eu, um ponto de encontro primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. O sexo não mais é mantido às escondidas, mas é mostrado, discutido e vivenciado a partir de escolhas muito precisas e as mudanças não se apresentam de forma homogênea nas diversas sociedades. Há grupos que permanecem à margem ou alheios às transformações da época, colocando-se avessos e resistentes às mudanças.¹⁰⁰

Em algumas sociedades, os contra-valores relacionados à dimensão afetivo-sexual são mais evidentes e muito graves, com mecanismos repressores capazes de ameaçar a identidade da pessoa, sobretudo a das mulheres. São repressões e

⁹⁸ Cf. GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*, op. cit., p. 139-145, sobre a sexualidade feminina.

⁹⁹ Cf. *ibid.*, p. 132-133 e sobre a sexualidade masculina *vf.* p. 134-139. A. Giddens reforça, a partir de pesquisas realizadas, que a natureza da sexualidade masculina é bem mais frágil do que se pensa. Os homens muito mais inquietos do que as mulheres tendem a separar a vida sexual de outros aspectos cotidianos da vida. Aumentam o caráter compulsivo de sua prática sexual num movimento de busca (sexual) episódica a medida que as mulheres desligam-se da dependência fálica. Esse processo difícil de ser elaborado psicologicamente e socialmente transforma, em alguns homens, o falo em realmente pênis, “a sexualidade masculina está sujeita a ser dilacerada entre, por um lado, a dominância sexual agressiva, incluindo o uso da violência, e, por outro, constantes ansiedades em relação à potência (...) Se a capacidade e a necessidade das mulheres de expressarem a sexualidade foram cuidadosamente mantidas ocultas até pleno século XX, o mesmo aconteceu com o concomitante trauma dos homens”. Para a sensação de inquietude e desespero sexual.

¹⁰⁰ Cf. *ibid.*, p. 25.

negações tão severas que podem abstrair a compreensão de dignidade humana chegando ao limiar das perversões e da violência extrema.¹⁰¹

Os diversos problemas referentes à sexualidade são inquestionáveis e de alta complexidade. As preocupações não estão mais em torno das relações duradouras, mas nos relacionamentos breves e fugazes, em relações às vezes destituídas de compromisso e desvinculadas de projetos de vida em comum.

O próximo subitem aborda as questões de gênero. Homem e mulher sob a ótica de uma antropologia da diferença, que busca o respeito e a valorização da dimensão da alteridade e da integração da pessoa.

2.2.2.

O conceito de gênero e o “ser homem” e “ser mulher” a partir de uma antropologia da diferença

O termo gênero foi introduzido pelo psicanalista Robert Stoller em 1963, ao tratar sobre o paradigma da identidade de gênero, conceito formulado por ele mesmo por ocasião da distinção que se fazia na época entre natureza e cultura. “Se o sexo estava vinculado à biologia (hormônios, genes...), o gênero teria relação com a cultura (psicologia, sociologia). (...) o trabalho da cultura sobre a biologia seria a pessoa marcada pelo gênero, homem ou mulher.”¹⁰²

Hoje o assunto é melhor discutido e apesar de sua complexidade assume vários significados conforme os grupos que o defendem, mantendo-se em aberto. Esse processo de elaboração conceitual acontece por causa das graves discriminações sofridas pelas mulheres e outros grupos sociais como os gays, travestis, transgêneros e transexuais.¹⁰³

Esse impacto na teoria social ganhou amplitude, nos anos 1970, acompanhado de lutas políticas pelos direitos das mulheres.¹⁰⁴ Aos poucos a

¹⁰¹ Não se especifica os tipos de sociedades, mas são apresentadas de maneira geral.

¹⁰² PISCITELLI, A. Janela para a diversidade. In: **Revista Mente e Cérebro**. A sexualidade sob diversos pontos de vista. V. 3, ed. n. 3, 2009, p. 23. A autora do artigo é antropóloga, pesquisadora da Unicamp, autora do livro *Jóias de Família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros* (Ed. da UFRJ, 2006) e co-organizadora de *Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras* (Garamond, 2004).

¹⁰³ BARBERO, G. H. In: **Revista Mente e Cérebro**. A sexualidade sob diversos pontos de vista, op. cit., p. 37-45. A autora é psicanalista, mestre em psicologia clínica e doutora em psicologia social, atualmente professora da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT/CUR), contribui com o artigo *Sexualidades Performativas*, onde apresenta vários conceitos de neo-sexualidades que hoje são discutidos na sociedade.

¹⁰⁴ PISCITELLI, A. *Janela para a diversidade*, op. cit., p. 23.

noção de gênero se distancia do conceito inicial referente apenas às relações entre homens e mulheres, feminino e masculino, consideradas como relações binárias.

As ciências sociais por muito tempo defenderam a idéia de diferenciação sexual como princípio universal. Esse aspecto influenciou alguns autores contemporâneos e entre eles a antropóloga americana Margareth Mead (1901-1978), uma das especialistas mais importantes em pesquisas sobre os papéis sexuais nas diversas culturas. M. Mead, nos anos 30 do século XX, estudou o assunto em três culturas distintas, observando como as atitudes sociais relacionavam-se com as diferenças sexuais concluindo que,

a crença, então compartilhada na sociedade americana, em um temperamento inato ligado ao sexo não era universal. Segundo ela, toda cultura determina de algum modo os papéis dos homens e das mulheres, mas não o faz necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas para os dois sexos nem em termos de dominação ou submissão (...) Essa conclusão seria reforçada pela inversão da posição de dominância entre os sexos no terceiro povo estudado.¹⁰⁵

Outros autores trabalham os desdobramentos da definição de gênero no decorrer do século XX, como Gayle Rubin (1975), que elaborou o conceito de sistema sexo/gênero,¹⁰⁶ e a filósofa J. Butler, que se dedica ao tema considerando que “o gênero não expressa uma essência interior de quem somos, mas é constituído por um ritualizado jogo de práticas que produzem o efeito de uma essência interior (...).”¹⁰⁷ Para J. Butler, o gênero pode ser interpretado ou fazer parte de um jogo de interpretações do corpo, que não se restringe a dois, tornando-o finalmente mutável e constituído histórico/socialmente.¹⁰⁸ J. Butler afirma ainda que o gênero é algo construído, apontando para um certo determinismo de significados, inscritos nos corpos anatomicamente definidos e diferenciados, estando a biologia associada ao dado cultural.

¹⁰⁵ Ibid., p. 24.

¹⁰⁶ Ibid., p. 25, “conjunto de arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana”, in: ibid., p. 26. Gayle Rubin afirma que a diferenciação sexual e o gênero devem ser vislumbrados numa perspectiva política, articulado à sexualidade. “Para Rubin, gênero não é apenas uma identificação com um sexo, mas a obrigação do desejo sexual de se orientar para o outro sexo.” (ibidem).

¹⁰⁷ Judith Butler é uma importante filósofa americana pós-estruturalista, que há muitos anos contribui com estudos sobre o feminismo, a “teoria *queer*”, a filosofia política e a ética. É professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparativa da Universidade da Califórnia, em Berkeley, cf. em entrevista com o título *O gênero é uma instituição social mutável e histórica*, concedida a Revista IHU On-Line – www.unisinos.br/ihu – São Leopoldo, em 09/10/2006, p. 3.

¹⁰⁸ Ibidem. Ainda sobre Gênero cf. GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*, op. cit., p. 146-148.163-168.

J. Butler recorda que Simone de Beauvoir em sua obra “O Segundo Sexo”, escreveu sobre a idéia do gênero como uma construção.¹⁰⁹ A. Piscitelli referindo-se ao pensamento de J. Butler afirma que:

Para a filósofa Judith Butler, a existência de transgêneros e transexuais sugere que o gênero se desloca além desse binarismo naturalizado. Por esse motivo, propõe não fundir o termo com masculino/feminino ou homem/mulher. Para ela, algumas décadas atrás, a discriminação de gênero se aplicava tacitamente às mulheres. Hoje, tal discriminação continua existindo em particular quando se trata de mulheres pobres e/ou “de cor”. Entretanto, atinge também transexuais e transgêneros sujeitos à violência devido a sua identidade de gêneros.¹¹⁰

M. Goldenberg, com outra análise antropológica, aplica o conceito de gênero para “desnaturalizar os papéis e as identidades atribuídos ao homem e à mulher.”¹¹¹ Define o sexo como sendo uma dimensão biológica dos seres humanos e o gênero como uma “escolha cultural, arbitrária, um produto social e histórico.”¹¹² Questão polêmica em processo de agudas mudanças que não pode ser ignorada ou negada.¹¹³

¹⁰⁹ Cf. BUTLER, J. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 26.

¹¹⁰ PISCITELLI, A. *Janela para a diversidade*, op. cit., p. 27.

¹¹¹ GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit., p. 7; JURBERG, M. B. A *Construção Social da Sexualidade*: da identidade biológica à identidade sócio-cultural de gênero. Trabalho publicado na Revista Scientia Sexualis 7 (2), p. 25-40, 2001, “discute as influências sociais que constroem identidades sociais diferenciadas segundo o gênero e segundo as fases do desenvolvimento do indivíduo, considerando as ideologias que mantêm tais diferenciações sociais”.

¹¹² GOLDENBERG, M. *De perto ninguém é normal*, op. cit. p. 7; e cf. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM)*. Princípios e Diretrizes. Brasília, DF: 2004, p. 12. O Ministério da Saúde no Brasil admite que o gênero pode ser compreendido como o conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que revelam ou definem o que significa ser homem ou ser mulher. É um elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, partindo de uma construção social, histórica e mesmo cultural. A base dessa construção parte de símbolos, normas e instituições que define modelos de masculinidade e feminilidade e padrões de comportamento aceitáveis ou não. O gênero é um importante delineador dos campos de atuação para cada sexo, dando suporte à elaboração de leis e suas formas de aplicabilidade. Recomenda-se completar o conceito cf. VIDAL, M. *Psicologia do Sentido Moral*. Aparecida, Santuário, 2008, p. 93-105.

¹¹³ PINTO, C. *Uma História do Feminismo no Brasil* (Sinopse). Fundação Perseu Abramo, 2003, afirma que “no Brasil, dois momentos tiveram papel de destaque na trajetória do feminismo. Do final do século XIX até a década de 1930, ergueram-se vozes femininas que, na literatura, na imprensa, nas artes e na política, demonstraram domínio magistral das capacidades que o patriarcalismo lhes pretendia negar. Muitas destas pioneiras tornaram-se pontas-de-lança na defesa dos direitos civis e políticos das mulheres e contribuíram para importantes conquistas. Num segundo momento, a partir do final dos anos 1960, a combinação da resistência contra a ditadura militar com a revolução comportamental que atingia o mundo ocidental gerou as primeiras sementes do “novo feminismo” brasileiro. Essa nova onda abriu, gradativamente, o espaço para a problematização das relações de gênero e para a constituição de políticas públicas voltadas a assegurar o exercício dos direitos da mulher, que se consolidam nos anos 80 e 90” e Cf. CASTELLS, M. *A Era da Informação*, V. II, op. cit., p. 210, citando Jane Mansbridge, ao escrever sobre o movimento feminista, nas suas várias expressividades, afirma que o movimento

Explicitados alguns conceitos filosóficos e antropológicos em evidência no momento, segue o tema com a teóloga Ivone Gebara, na perspectiva da *antropologia da diferença*, acerca das relações de gênero – do “ser homem” e do “ser mulher”.¹¹⁴

Ao longo da história sociocultural, muitos problemas foram percebidos e discutidos com certa descontração, porém, no que se refere às relações homem/mulher, sobressaem os tabus e muitas dificuldades que se arrastam por séculos. Para I. Gebara: se nos propusermos a realizar uma séria revisão das “relações sociais que são também relações de poder, entre mulheres e homens nem sempre perceberemos essa problemática à primeira vista.”¹¹⁵

Sobre as relações de gênero, como a entende Ivone Gebara, torna-se imprescindível reforçar a dinâmica antropológica da “diferença”. Aceitar o diferente é aceitar a dialética da distância e da proximidade. Há uma unicidade e uma interna diversidade entre tudo o que é criado. A física tem ensinado muito em relação ao microcosmo presente num grande macrocosmo. A interação em rede é perfeita e inegável. Captar, perceber as centelhas desse mistério significa, segundo Ivone Gebara, começar a apreender a diferença como algo inerente a todo ser vivo. Tudo o que existe é diferente e possui uma marca inconfundível que revela a verdadeira criatividade e originalidade do ser.¹¹⁶ I. Gebara faz notar que,

falar da “diferença” é falar de um novo “jeito” de amar, jeito que não assimila o amado à amada, que não é Narciso afogado na própria imagem e nem buscando a si mesmo em outro rosto. Amar a diferença, quando sempre nos habituamos a amar os iguais e a servi-los como únicos semelhantes, é tocar o divino. Amar a diferença, tentando descobrir a novidade que ela me oferece, é louvar a criação.

antecipador de mulheres tem sua importância e profundidade nesse processo de desenvolvimento das discussões sobre o gênero e a re-descoberta da mulher enquanto “atriz” social. Na sociedade contemporânea sabe-se que todo este movimento irrompe nos Estados Unidos ao final da década de 60 e na Europa na década de 70 tomando quase todo o mundo até os anos 90. Uma das motivações para o feminismo é a tentativa de pôr um fim à dominação masculina e sua essência do é a intenção a (re) definição da identidade da mulher, a redefinição do gênero feminino opondo-se categoricamente ao patriarcalismo. Abre-se um parêntese: esse momento se refere aos tempos iniciais do feminismo no período inter-revolução sexual e não se trata dos movimentos feministas que se desdobram posteriormente, com idéias muito radicais, que acabam distanciados da proposta de uma antropologia integrada apresentada pela perspectiva cristã. Sugere-se como aprofundamento sobre o tema do feminismo, MARIA-PINTOS, M., e TAMOYO-ACOSTA, J. J. A Mulher e os Feminismos. In: VIDAL, M. *Ética Teológica: Conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 473-485.

¹¹⁴ GEBARA, I. *Conhece-te a ti mesma*. São Paulo: Paulinas, 1991.

¹¹⁵ Idem, *Novas Relações de Gênero são possíveis*, in: www.latinoamericana.org/2004/textos/português/Gebara.htm, acesso em 19/09/2009.

¹¹⁶ Cf. idem, *Conhece-te a ti mesma*, op. cit., p. 39.

Amar a diferença, porque cada um de nós é diferença, é construir a originalidade do humano. Eis alguns dos desafios que a diferença lança ao amor.¹¹⁷

Esse “diferente” está sempre em relação; sempre “junto com”, e só existe porque está nessa condição de relacionalidade com o outro, o que marca a sua diferença. O surpreendente é que a unidade do universo, a unidade entre as pessoas existe e se constrói porque há uma acolhida profunda da diferença e na diferença. Esse mistério perpassa e ultrapassa a questão do gênero masculino e feminino.¹¹⁸

A antropologia da diferença tem uma grande força porque está em todo ser humano. Com essa percepção, a pessoa apreende que existem determinadas dimensões e características que não podem ser anuladas e nem deformadas pelo outro. “Não somos redutíveis ao ‘outro’, nem àquele que ainda é considerado como o modelo para a humanidade, mesmo se reconhecemos suas qualidades e força particular.”¹¹⁹

M. Castells nota que as mulheres desenvolvem algumas reações “ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero diferenças biológicas e culturais; ora (...) afirmando a especificidade essencial da mulher.”¹²⁰ Frequentemente se percebe a afirmação de superioridade das práticas consideradas femininas como fontes de realização humana; “ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade, na comunidade feminina (...)”¹²¹

Hoje, alguns modelos fechados em relação à funcionalidade dos papéis que outrora eram exercidos apenas por homens e apenas por mulheres encontram-se aquém das realidades que se impõe na sociedade. Realizar o que seria a função do outro, - homem ou mulher, não diminui a força da diferenciação sexual, mas ao contrário, é uma tendência cada vez mais aceita pela sociedade contemporânea e depõe a favor da unidade e da pluralidade. Com isso não se nega a afirmação existencial/diferencial do ser homem e do ser mulher, mas somam-se esforços para a execução diferenciada dos papéis sociais.

¹¹⁷ Ibid., p. 45.

¹¹⁸ Cf. *ibid.*, p.39.

¹¹⁹ Ibid., p. 42.

¹²⁰ CASTELLS, M. *A Era da Informação*, V. II, op. cit., p. 211.

¹²¹ *Ibidem.*

Em relação à mulher, recordando um passado não distante que deixou marcas dolorosas, essa mulher foi destinada ao silêncio, foi esquecida e permaneceu sem voz. Seu corpo foi assimilado com grande sobrecarga à função reprodutora e embora fosse citada em outros discursos continuou objeto de desejo e mira de olhares, mas destinada ao silêncio. Muitas histórias de silêncio e pudor encobriram mistérios que marcaram a feminilidade. Determinadas convenções sociais “normatizaram” algumas atitudes que deveriam ser assumidas pelas mulheres, como por exemplo: a postura de discreta elegância; a exigente disciplina no comportamento; e a discrição na transformação do corpo feminino, diferentemente de como acontecia em algumas ritualizações culturais quanto ao corpo masculino.

O corpo feminino sofreu e continua sofrendo com muitos silêncios encontrando lugar apenas na clandestinidade como afirma Michelle Perrot:

A vida sexual feminina, cuidadosamente diferenciada da procriação, também permanece oculta. O prazer feminino é negado, até mesmo reprovado: coisa de prostitutas. A noite de núpcias é a tomada de posse da esposa pelo marido, que mede seu desempenho pela rapidez da penetração: é preciso forçar as portas da virgindade como se invade uma cidadela fechada.¹²²

Silêncios. Agridem às mulheres. Agridem ao corpo feminino. Agridem à humanidade. Ferem a humanização feminina, é forma de violência. São mulheres de todas as idades, meios sociais, raças e nacionalidades. Violência e injustiça apoiadas e encobertas, encontradas inclusive “nos segredos de família e no pátrio poder.”¹²³

Acredita-se que já desponta uma tênue percepção de uma nova compreensão do ser humano e especialmente da mulher. É uma “novidade” na forma de se conceber o entendimento, através de uma antropologia integradora e unitária, acerca do que é ser mulher e ser homem. Porém essa “nova compreensão deve

¹²² PERROT, M. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M. I.; SOIHET, R. (Org.). *O Corpo Feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.16.

¹²³ Ibid., p. 18, sobre o silêncio em torno da imagem corporal feminina, M. Perrot aponta, entre muitas e complexas causas, para a “construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos” (p. 20) que são reforçados pelos discursos médicos e políticos. Ressalta-se, como um avanço importante para a sociedade brasileira, a *Lei Maria da Penha* - Lei n. 11.340 de 7 de agosto de 2006, que “coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher”, através da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, nos “termos do & 8 do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher”, criando ainda Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, alterando com isso o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal, além de outras providências.

acompanhar a criação de uma nova ordem social e política nacional e internacional.”¹²⁴ Essas “novas relações mundiais implicam numa nova compreensão do lugar do ser humano, mulheres e homens, no conjunto das instituições sociais e nos ecossistemas.”¹²⁵

Esse processo é lento e se constrói ao longo de séculos. Depende dos grupos, das pessoas, da sensibilização de cada ator social dentro do contexto onde está inserido. As resistências para as mudanças são muitas, especialmente quando se abordam os temas relacionados à igualdade e ao poder que deve ser partilhado entre homens e mulheres.

Na realidade latino-americana, nosso espaço, onde se entrelaçam culturas diversas, tem-se fortemente marcada uma “compreensão hierárquica do ser humano (...) O valor do ser humano é pré-determinado a partir de sua riqueza, seu lugar social, sua cor e seu sexo.”¹²⁶ Nesse dado situacional, numa perspectiva axiológica, as mulheres estão geralmente colocadas num lugar antropológicamente e socialmente inferior.

Faz-se necessário, para dar continuidade à compreensão de como a sexualidade humana vem sendo compreendida, apresentar algumas linhas sobre o tema conflituoso e temeroso do universo da diversidade sexual. O assunto está em pauta na sociedade e não se deve abster de enfrentá-lo, mesmo que de maneira breve e inconclusa.

2.2.3. Diversidade Sexual

Abordo, neste subitem, a questão da diversidade sexual a partir do conceito apresentado por J. Butler:

O termo pode representar pessoas envolvidas em uma larga disposição de atos sexuais; pessoas que quaisquer que sejam suas identidades, não são a mesma coisa que os atos que desempenham; pode significar que diferenças morfológicas nem sempre são binárias na forma; que desejos e prazeres não são para se julgar normativamente, mas compreendidos em um contínuo de agenciamento e resposta sexual humana.¹²⁷

¹²⁴ GEBARA, I. *Novas Relações de Gênero são possíveis*, op. cit., p. 1.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ Ibidem.

¹²⁷ BUTLER, J. *O gênero é uma instituição social mutável e histórica*, op. cit., p. 4.

A diversidade sexual abrange o contingente de pessoas gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Esse tema sempre foi e continua sendo tratado com dissabor, conflito, tensão, discriminação e outras formas negativas, tanto no contexto social e por grupos ou pessoas no contexto eclesial. Há muitas contradições e mal-entendidos ao longo da história. Ao tratar sobre a homossexualidade, na maioria das vezes, prefere-se abster de opinar ou tomar posições. A história, sobretudo, da moralidade na Igreja Católica tradicional, tem tentado justificar essa resistência e incapacidade que está em torno desse assunto severamente machucado pela falta de compreensão, pelos tabus e por comportamentos mais graves como a homofobia.

Quando a sociedade, os especialistas em suas diversas áreas e a Igreja voltam-se para refletir e discutir sobre o assunto, os sinais de esperança, de uma possível compreensão e de uma melhor adequação à correção dos equívocos conceituais começam a revelar-se e abrem precedentes para um diálogo maduro e humanizador, através do acolhimento, caminho para o combate às intolerâncias que não mais querem ser ignoradas.¹²⁸

Não se apresentam os aspectos conceituais, delimita-se o texto em torno das definições. O tema da homossexualidade continua em aberto aos estudos e pesquisas, às discussões pelas diversas áreas do conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar.¹²⁹ A intenção desse subitem é apontar elementos de reflexão sobre o assunto, baseados nas evidências de dramaticidade e realidade dos fatos, numa perspectiva que encontre sentido em nossa tese: educar para o amor.

Embora a diversidade sexual esteja presente desde os primórdios da civilização humana, a opção sexual da homossexualidade surgiu como termo apenas no século XIX e como assunto específico para ser discutido no século XX, conforme afirma A. Giddens:

Expressa de outra maneira, a diversidade sexual, embora ainda encarada como perversão por muitos grupos hostis, saiu dos cadernos de anotações dos registros de Freud para o mundo social cotidiano.¹³⁰

No contexto eclesial católico, que se prioriza, os posicionamentos e opiniões sobre a diversidade sexual são distintas e se percebe, pelo menos, três formas

¹²⁸ Cf. VIDAL, M. *Ética da Sexualidade*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 117-129; cf. MOSER, A. *O Enigma da Esfinge: A Sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 212-260.

¹²⁹ Cf. FREIRE, J. C. *A Face e o Verso*. Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 53s, sobre a identidade semântica do termo “homossexual”.

¹³⁰ GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*, op. cit., p. 44.

existentes de tratar o assunto: os que se colocam em oposição aos grupos homossexuais, que é maioria; defendem-se transferindo para a Igreja a responsabilidade de, tradicionalmente, nunca ter acolhido e considerado as pessoas que mantêm relacionamentos entre sexos iguais, e quando se referia a estes, considerava-os “anormalidade”; aqueles que se declaram direta ou indiretamente “homofóbicos” produzindo com suas opiniões ou atitudes graves consequências humano-sociais; e os que se posicionam um pouco mais abertos às questões e dramas que envolvem a homossexualidade, posicionam-se a favor de que a Igreja assuma uma postura mais generosa de acolhimento pastoral em relação aos homossexuais.

No decorrer da história acontecem importantes mudanças na forma de compreender a homossexualidade.¹³¹

Nas sociedades, sobretudo as ocidentais, muitas reivindicações surgem em defesa do reconhecimento das diversas formas de expressão sexual. Os direitos sexuais tornam-se manchete. Como exemplo, as constantes manifestações em favor da livre expressão homossexual, tanto a masculina quanto a feminina, reduzindo os preconceitos e proporcionando às pessoas alguns direitos jurídicos.

O problema central da aceitação ou não dos grupos homossexuais está na necessidade de se oferecer um lugar para as pessoas homossexuais nas mentes e nos corações. Sabe-se, hoje, através da contribuição de algumas ciências, como a psicologia e a psiquiatria, que a homossexualidade não é mais tratada como desvio/desordem mental que urge ser “curada”; não é uma doença, conforme por muito tempo foi considerada. Progressivamente, esclarece-se que a homossexualidade não constitui uma entidade clínica e que existem conflitos psíquicos de qualquer tipo ou natureza, também entre os heterossexuais. Com um pensamento preconceituoso muitos difundiam a equivocada idéia que apenas os homossexuais tinham problemas ou conflitos em sua dimensão afetivo-sexual.¹³²

¹³¹ Cf. ROSS, Susan – em entrevista concedida ao IHU On-Line, com o título *A antropologia teológica de João Paulo II e a diversidade sexual*, em: www.unisinos.br/ihu – São Leopoldo, em 09/10/2006. A autora é Professora Doutora em Teologia na Loyola University de Chicago, desde 1985. Foi diretora do Women's Studies Program na Loyola, membro do conselho editorial da *Concilium*, revista teológica internacional editada em várias línguas. Sugere-se completar a leitura com outro artigo da teóloga S. Ross, A noiva e o noivo: a antropologia teológica de João Paulo II e sua relação com a Bíblia e a homossexualidade, in: JUNG, P. B.; CORAY, J. A (Org.). *Diversidade Sexual e Catolicismo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 71-91.

¹³² Cf. MORANO, D. C. *Cristianismo, Sexualidad y Homosexualidad*, in: AA.VV. *El Cristianismo ante los grandes desafíos de nuestro tiempo*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2004, p. 12.

Os Conselhos Profissionais honram sua deontologia punindo os profissionais que dizem poder “salvar ou curar” os homossexuais.

As pesquisas avançam mostrando que os homossexuais são portadores de “saúde” espiritual e mental e com dignidade e profundo respeito devem ser acolhidos pela sociedade.¹³³ As doenças, os desvios ou mesmo as perversões sexuais podem estar presentes tanto nos heterossexuais quanto nos homossexuais. O fato é que ainda se está em franco aprendizado de como mulheres e homens compreendem e vivem sua dimensão afetivo-sexual e não é uma questão tranqüila como muitos acreditam que seja. A complexidade que envolve essa dimensão, relacionada a fatores como a identidade e a história das pessoas são difíceis e exigentes.

Para tornar mais clara a compreensão que a Igreja tem sobre o tema da homossexualidade aponta-se pelo menos dois importantes aspectos: o *pensar* sobre o assunto e o *sentir* com o outro.

No que diz respeito ao *pensar*, oficialmente, o magistério eclesial ensina, de maneira clara, que as dimensões unitiva e procriativa da vida sexual humana não podem ser dissociadas. A atividade sexual, dom de Deus, une em reciprocidade e no amor, o homem e a mulher. A Teologia Matrimonial afirma uma aliança indissolúvel que deve ser assumida com responsabilidade e abertura para a paternidade e para a maternidade. Consequentemente há restrições para as relações sexuais fora do matrimônio, e mais ainda para os relacionamentos homossexuais. “O discurso da Igreja se fundamenta numa moral que quer santificar a união do homem e da mulher, repudiar a promiscuidade sexual, construir e valorizar a família.”¹³⁴

Para D. Morano, teólogo e psicanalista, num contexto mais global, a homossexualidade deve ser entendida, evidentemente, de maneira muito complexa, em associação às questões relacionadas ao desejo no ser humano,

¹³³ Cf. MINISTÉRIO DA SAÚDE, em parceria com o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (CONASS) e o Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (CONASEMS), “apresenta às instituições que atuam no campo da promoção da saúde, dos direitos humanos, dos direitos sexuais e reprodutivos o *Plano Nacional de Enfrentamento da Epidemia de Aids e DST entre Gays, outros Homens que fazem Sexo com Homens (HSH) e Travestis*”, plano oferecido para vigorar entre 2007-2010.

¹³⁴ CORRÊA LIMA, L. Palestra - *Religião e aids: desafios e respostas*, realizada em 19/10/2006, no Rio de Janeiro, no Seminário Religião e Aids promovido pela Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), p. 1.

dimensão que o mobiliza de modo consciente ou não.¹³⁵ É sempre um fator de conflitividade que envolve o desejo e os afetos entre outros elementos psíquico-emocionais, comportamentais etc. Requer entre as pessoas uma “negociação”, um diálogo nada fácil de ser realizado. De toda forma, a “batalha”, em maior ou menor grau, está estabelecida. Para as pessoas heterossexuais, a questão homossexual não deve ser ignorada e nem permanecer na indiferença. Quanto às pessoas que não conseguiram, em decorrência dos mais complexos motivos, integrar esta realidade humano-existencial, vê-se atitudes homofóbicas negativas, revelando que a homossexualidade afeta de maneira importante, aos que, teoricamente, situam-se como indiferentes aos homossexuais. Agem discriminatoriamente, com atitudes de “terror”, aversão ao diferente e até com violência moral e física.¹³⁶

No que diz respeito ao *sentir*, há uma “queixa” pela forma como os homossexuais, católicos ou não, são tratados em determinados setores da Igreja e na sociedade de uma forma geral. Sentem-se feridos e afrontados pela linguagem pejorativa e desrespeitosa com que são chamados ou reconhecidos. Há uma nefasta contradição de como o grupo homossexual é tratado e a dignidade da pessoa humana, que independe de sua condição de vida ou opção sexual. Os gays / as lésbicas que estão na Igreja, sentem-se rejeitados (as) ou “falsamente” acolhidos (as). Afirmam haver um discurso de acolhida, mas sentem que se trata de um “acolhimento” por mera obrigação. Isso preocupa e entristece porque os cristãos devem ser sinal de amor e facilitadores de inclusão.

A homossexualidade suscita “fantasmas” individuais e coletivos. Há uma notável mudança no modo de se confrontar com a questão. Novos pontos de vista se abrem sobre o tema da homossexualidade colocando em pauta os juízos e os prejuízos decorrentes no campo ético e no científico. D. Morano observa que:

Particularmente, las investigaciones psicosociales, rompiendo el marco más estrecho de la clínica, han cuestionado los muchos estereotipos sociales existentes sobre la homosexualidad y de los que todos, en una medida u otra, hemos participado (...). Todo ello ha conducido también a que los medios de comunicación, cine, televisión, prensa escrita, etc., presenten la homosexualidad

¹³⁵ Cf. MORANO, D. C. *Cristianismo, Sexualidad y Homosexualidad*, op. cit., p. 143-164 (p. 12). Cf. idem, *El Debate Psicologico sobre la Homosexualidad*. In: GAFO, J., *La homosexualidad: em debate abierto*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 1997, p. 13-95.

¹³⁶ Cf. MORANO, D. C. *Cristianismo, Sexualidad y Homosexualidad*, op. cit., p. 12.

como una orientación perfectamente asumible y de la que no es obligado avergonzarse.¹³⁷

O pensamento cristão atual está atento às mudanças de mentalidade que se constroem socioculturalmente.¹³⁸ Conforme D. Morano há sinais de um repensar a acolhida acerca da homossexualidade:

La conciencia de haber actuado como factor de primer orden en la persecución de la homosexualidad empuja también a muchos creyentes a sentirse moralmente obligados a revisar sus propias concepciones al respecto. De alguna manera, se piensa que el asunto más grave que tienen las iglesias cristianas planteado en terreno de la moral respecto a la homosexualidad no es el de la justificación o no de sus comportamientos sexuales, sino el de hacer frente a la injusticia pasada y presente con ese colectivo y el de la necesaria toma de posición para evitar que se siga produciendo cualquier tipo de marginación o exclusión.¹³⁹

No entanto, o Catecismo da Igreja Católica (CIC) apresenta as famílias, de estruturação tradicional, compostas por marido, esposa e criança(s) como as bases necessárias para uma sociedade saudável. Nessa perspectiva, não há lugar para os homossexuais.¹⁴⁰ D. Morano completa:

Enquanto o Catecismo da Igreja Católica clama que todos reconheçam e aceitem suas identidades sexuais (§2333), também chama a tendência homossexual de “objetivamente desviada” (§2358). Também declara que “práticas homossexuais são um desvio intrínseco, contrárias à lei natural, [restritas] ao dom da vida... não procedente de uma complementaridade afetiva e sexual.”. Portanto, “sob nenhuma circunstância pode ser aprovada” (§2357). Tais reivindicações sobre a homossexualidade carecem de suportes conclusivos dos dados da ciência social. Eles também não representam a experiência de muitos homossexuais, especialmente aqueles que se comprometeram em um relacionamento de uma vida inteira com um parceiro.¹⁴¹

É fato que a doutrina oficial do Magistério Católico não efetivou nenhuma mudança objetiva nos últimos anos, porém já se enuncia uma tênue *descriminalização*¹⁴² do homossexual no novo Código de Direito Canônico e em

¹³⁷ Ibidem.

¹³⁸ Cf. ibidem. Cf. FERNANDES PINTO, M. J. *Sexualidade e Salvação: Reflexão antropológico-teológica sobre a importância da Sexualidade no processo salvífico, vivido na Alteridade, à luz dos pensamentos de Emmanuel Lévinas, Eric Fuchs e Enrique Dussel*. 2001. 520f. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001, p. 206-212.

¹³⁹ MORANO, D. C. *Cristianismo, Sexualidad y Homosexualidad*, op. cit., p. 14.

¹⁴⁰ Cf. NILSON, Jon em entrevista concedida ao IHU On-Line, com o título *A Igreja e os desafios da diversidade sexual*, in: www.unisinos.br/ihu – São Leopoldo, em 09/10/2006. J. Nilson é Professor Doutor em Teologia (especialista em ecumenismo, em catolicismo contemporâneo e em teologia sistemática) na Loyola University de Chicago.

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² Grifo nosso.

alguns pronunciamentos oficiais.¹⁴³ Alguns pensadores cristãos se pronunciam sobre o assunto e surgem movimentos cristãos em defesa desses debates sobre a condição homossexual. É necessário ressaltar que a Igreja Católica, conforme Corrêa Lima,

(...) tem uma atuação que vai além do que comumente se conhece. Ela não se limita enunciar ideais e princípios, mas se deixa interpelar pela realidade e procura dialogar em busca de soluções razoáveis. Por se tratar de uma instituição complexa, com mais de um bilhão de fiéis por todo o mundo e uma inevitável pluralidade, este processo não é homogêneo e linear. Ele se faz em meio a avanços e recuos. Os bispos e suas conferências em cada país, as reflexões dos teólogos, os diversos movimentos e organizações pastorais exercem um papel importante; e a consciência dos fiéis, um papel insubstituível.¹⁴⁴

Pastoralmente já se observa, em alguns setores da Igreja, maior tolerância e busca de compreensão mais generosa e humana, sem com isso contrariar o Magistério Eclesial.¹⁴⁵

A intenção ao abordar assunto tão conflituoso e complexo está no fato que o tema da dimensão afetivo-sexual da pessoa e de uma educação no amor, que

¹⁴³ CORRÊA LIMA, L. Entrevista concedida a Moisés de Oliveira Nazário, Chefe de Reportagem - Agência Senado (www.senado.gov/agencia) acerca do Projeto Lei - Discriminação Homossexuais 122/2006, quando lhe foi perguntado sobre o posicionamento da CNBB, aponta em suas respostas para alguns pronunciamentos oficiais por parte da Igreja, a saber: Documento da Congregação da Doutrina da Fé que tem como título “*Direitos Sociais das pessoas homossexuais*”, (23 de julho de 1992); fez referência que recentemente o Santo Padre, falando aos Representantes da Santa Sé na América Latina, sobre a família afirmou que: “*a família manifesta os sinais de desabamento sob as pressões de lobbies capazes de influenciar negativamente nos processos legislativos*” (17 de fevereiro de 2007). Corrêa Lima apontou também para os Documentos da Congregação para a Doutrina da fé, cujo tema “*Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*” (3 de junho de 2003); a *Carta aos bispos da Igreja católica sobre ao acompanhamento pastoral das pessoas homossexuais*” pela Congregação da Doutrina da Fé (1 de outubro de 1986), fazendo referência que a Congregação encoraja os Bispos a promoverem nas suas dioceses uma “*pastoral para com as pessoas homossexuais*” de acordo com o ensino da Igreja. Sobre o assunto complexo da homossexualidade recomendamos cf. LEERS, B. Homossexuais e Ética Cristã. Revista Convergência, n. 576 in: www.diversidadecatolica.com.br - “grupo de leigos católicos que compreende ser possível viver duas identidades aparentemente antagônicas: ser católico e ser gay, numa ampla acepção deste termo, incluindo toda diversidade sexual (LGBT) (...) formou-se em julho de 2006, no Rio de Janeiro. Nossa postura é de comunhão com a Igreja. Seguimos na prática de Jesus e estendemos o convite de amor inclusivo a todos que parecem estar de fora”, apresenta como um dos objetivos, fornecer subsídios teológicos e pastorais que ajudem a conciliar estas identidades. Visamos também funcionar como comunidade virtual aglutinadora, proporcionando visibilidade a iniciativas semelhantes.” e cf. VIDAL, M. *Sexualidade e Condição Homossexual na Moral Cristã*. Aparecida: Santuário, 2008, p. 147-187, sobre os Documentos do Magistério Eclesial e seus pontos críticos.

¹⁴⁴ CORRÊA LIMA, L. Palestra - *Religião e aids: desafios e respostas*, op. cit., p. 2.

¹⁴⁵ Ibid., p. 5, completa, que “há importantes pontos de convergência entre a Igreja e a sociedade. Se o discurso proibitivo de fato declinar, como quer o papa Bento XVI, o diálogo e a colaboração certamente serão muito fecundos. Oxalá Deus nos liberte do ranço moralista, este grande empecilho, e nos ajude a preservar a vida que, afinal, é um valor para todos.”

corresponda a essas necessidades, não pode eximir-se da realidade da diversidade sexual, que também deve ser contemplada pela ótica da reflexão ético-teológica e da práxis educacional.

2.3.

Mecanismos desumanizadores que interferem na vivência da dimensão afetivo-sexual pela pessoa humana

2.3.1.

Manipulação e banalização da vivência da sexualidade

A sexualidade humana sempre foi envolvida por um clima de enigma e mistério e com realidades humanas paradoxais. Fascínio e assombro, receio e suspeita, aceitação e negação despertam a curiosidade, o desejo, a aproximação e o afastamento. Freada pelo rigorismo e moralismo de um lado e por outro lado fragilizada pela concepção hedonista. No início dos tempos, os tabus e os medos fizeram parte de sua gênese, dando lugar posteriormente para os mitos. Se o tabu e o rigorismo afastavam a sexualidade das realidades humanas, os mitos a aproximava, porque a sacralizava. Se os “deuses” a tornavam um evento primordial, o ser humano podia levar a termo seus desejos deixando-se “profanar” pelo prazer.¹⁴⁶

Na idade contemporânea, o modo de viver a sexualidade é fortemente abalado pelo fenômeno da “revolução sexual” a partir da metade da década de sessenta no século XX conforme já enunciado.

Houve uma tentativa de completa ruptura com os tabus e com os sentimentos de culpa e vergonha relacionados à prática sexual. W. Reich foi o grande mentor ideológico dessa revolução, que trouxe a tentativa programática de separação do exercício da sexualidade da instituição matrimonial e, por conseguinte, da paternidade e maternidade. Sua abordagem, a partir da perspectiva psicológica, libera a sexualidade e os afetos das neuroses e enfermidades construídas pela história. W. Reich defende a idéia de liberação sexual bem radical, sem nenhum tipo de reprovação ou pudor, livre das proibições, dissociada da responsabilidade e do estabelecimento de vínculos institucionais, que eram recebidos como elementos opressores e castradores da

¹⁴⁶ Cf. AZPITARTE, E. L. *Ética da Sexualidade*, op. cit., p. 17-18.20-22.

liberdade. A ruptura, as “fraturas sucessivas”¹⁴⁷ que aconteceram na compreensão e na vivência da sexualidade, trouxeram grande confusão e uma falsa idéia de emancipação, mantendo apenas um único ponto de referência que é a “libido”, apontando apenas para o prazer da pessoa. Todavia, até este referencial de prazer, tomou um rumo equivocado, quando foi assumido como prazer individualista, devendo orientar-se apenas para uma resposta satisfatória ao instinto.¹⁴⁸

Questiona-se se realmente, através da “conquista” de uma prática sexual destituída de vínculos e responsabilidade, as pessoas conquistaram maior alegria e satisfação ou, ao contrário, foram conduzidas para um processo de banalização e desumanização no aspecto sexual.¹⁴⁹

A des-personalização da sexualidade e sua redução ao nível subpessoal, reforça uma antropologia dualista. L. E. Azpitarte recorda que:

Se antes se desprezava todo o corpóreo e sexual como indigno do homem para fomentar um espiritualismo desencarnado, incide-se agora numa visão puramente biológica e materialista, com esquecimento da dimensão espiritual, como se o ser humano fosse simples macaco desnudo (...) Se a pessoa se acha constituída de dois elementos antagônicos como o espírito e o corpo, existe risco de sublinhar a supremacia de um correspondente desprezo do outro.¹⁵⁰

M. Foucault, em sua obra clássica *História da Sexualidade*¹⁵¹ critica a multiplicidade de discursos elaborados sobre a sexualidade humana durante a modernidade e que a “pós-modernidade” continua reproduzindo. Muitos desses discursos sobre liberação sexual produziram resultados de banalização e desumanização, porque estão fundamentados a partir de uma ótica dualista, apesar dos importantes avanços que ofereceram para um melhor conhecimento da sexualidade humana.

Paradoxalmente ao discurso de liberdade sexual, de permissividade exagerada, de liberação dos sexos e até reestruturação do olhar sobre as questões de gênero, encontra-se um peso histórico, alimentado por séculos de imposição de

¹⁴⁷ Cf. MELINA, L. A verdade da sexualidade no plano divino: Aspectos da teologia do corpo. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, ano 4, n. 6/7, 2000, p. 104, cita J. RATZINGER, in: *Rapporto sulla fede*, Paoline, Torino, 1985, p. 84-86; e cf. AZPITARTE, E. L. *Ética da Sexualidade*, op. cit., p. 22-23.

¹⁴⁸ Cf. MELINA, L. A verdade da sexualidade, op. cit., p. 104, cita o J. RATZINGER, in: *Rapporto sulla fede*, op. cit., p. 104-105. Cf. Também VIDAL, M. *Ética da Sexualidade*, op. cit., p. 97-106 e cf. FERNANDES PINTO, M. J. *Sexualidade e Salvação*, op. cit., p. 68-69.

¹⁴⁹ Cf. MELINA, L. A verdade da sexualidade, op. cit., p. 104.

¹⁵⁰ AZPITARTE, E. L. *Ética da Sexualidade*, op. cit., p. 25.

¹⁵¹ Cf. FOUCAULT, M. *A História da Sexualidade*. Vols. 1, 2 e 3. Portugal: Gallimard; Rio de Janeiro: Graal, 1977.

culpabilidade, de pecado, de repressão, de poder e transgressão,¹⁵² fazendo com que as práticas de natureza sexual sejam assumidas e consideradas pouco naturais e dissociadas da dimensão humana, enquanto dom e caminho de integração. Duas correntes de pensamento que da mesma forma se impõem dualistas.

Gradualmente, a pessoa começa a se perceber. Sai da ingenuidade que acreditou nas propagandas em suas diversas expressões midiáticas e deseja maior clareza, intenções bem programadas e articuladas a serviço do mercado, “tocando” intencionalmente em estruturas mais profundas da personalidade.

A sexualidade tem sido frequentemente usada como elemento apaziguador dos ânimos, das massas inquietas e questionadoras, sendo instrumento alienante nas mãos de “políticas” castradoras. A exploração da pessoa através de sua sexualidade pode estar ligada à intenção de afastá-la ou distraí-la de problemas sociais importantes, reprimindo-a socioculturalmente, além de impor uma falsa sacralização. O contexto das condições de vida e de trabalho da grande massa da população brasileira, por exemplo, intensifica, através de diversas estruturas, a desumanização das pessoas em todos os aspectos, inclusive da sexualidade. “O fato é que quem se entrega ao consumo do sexo, como também a qualquer outro vício, se aliena social e politicamente.”¹⁵³

Pesquisas brasileiras mostram, nesses últimos anos, que as mulheres e os jovens são alvos mais vulneráveis do jogo manipulador do mercado erótico-sexual. Um perigo parece iminente quando a indústria cultural fomenta, no meio da juventude, algumas idéias equivocadas e distorcidas de que a sexualidade é “dominada” irracionalmente por impulsos irresistíveis, que devem ser satisfeitos a qualquer preço; ou que a pessoa é dona de seu próprio corpo e de sua vida desconectada da conjugação social, podendo fazer o que quiser sobre isso; e uma terceira “tese” colocando o sentimento numa primazia absoluta, confundindo-o, na maioria das vezes, com um prazer momentâneo.¹⁵⁴

¹⁵² SIEBEL; OUTROS (Org.). O Poder na Igreja. **Revista Concilium**/217, 1988/3: Instituições Eclesiais, p. 31-36 e VIDAL, M. *Novos Caminhos da Moral*. Da “crise moral à moral crítica”. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 248-255, esses autores discorrem sobre alguns dos conflitos entre sexualidade e poder na Igreja.

¹⁵³ MOSER, A. *O Enigma da Esfinge*, op. cit., p. 103; e cf. VIDAL, M. *Ética da Sexualidade*, op. cit., p. 98-100.

¹⁵⁴ Cf. *ibid*, p. 104.

Os investimentos para a alienação são cada vez mais camuflados em campanhas que são veiculadas pelos MCS¹⁵⁵, que seduz e modifica a opinião pública.

Não se ignora, porém, que os recursos provenientes dos MCS têm ajudado muito na composição de uma sociedade bem interligada em redes e capaz de evoluir tecnologicamente. Pela informatização, o mundo está conectado globalmente, favorece a troca e o consumo de informações, de veiculação de imagens, de idéias, de diferenças. Mas nem tudo o que é veiculado através da mídia pode ser assumido como sendo resultado de consenso social ou eticamente aceito. O poder manipulador midiático é muito poderoso e tanto pode reforçar “valores” ou declaradamente os “contra-valores” que estão em evidência no meio social atendendo aos seus interesses de audiência e aos do mercado.

Os modelos, sobretudo os que interferem sobre o comportamento da juventude, são supervalorizados e utilizados como instrumentos de manipulação e indução para se obter os dados finais previamente programados.¹⁵⁶

O resultado é que se fomenta a ilusão de cidadãos plenamente livres, independentes e donos de suas escolhas, inclusive sexuais, com uma idéia de “liberdade”, onde cada um está livre para fazer o que quiser, sem que o outro ou a sociedade sofra ou o condene por seus atos. Difunde-se que não existe erro quando o consentimento se dá entre adultos.

É necessário fazer uma breve observação que, embora o prazer, a sexualidade e a satisfação do desejo sejam endeusados, é falso afirmar que a sociedade está inteiramente entregue às anarquias sexuais, às orgias, à total dissipação do pudor e do bom senso. A promiscuidade e a indisciplina sexual não podem ser generalizadas e se constata que as distorções do comportamento sexual continuam sendo uma experiência minoritária. O que afirmam não ser mais um tabu permanece como uma experiência minoritária. G. Lipovetsky realça esse aspecto afirmando que:

As bacanais, as trocas de parceiros, as relações sexuais com uma pessoa conhecida no mesmo dia, continuam sendo experiências minoritárias. Ao menos nesse campo, a liberdade serve de freio às liberdades. O mundo da liberdade individualista não leva à desordem sem freios dos costumes. Nesse sentido, a cultura pós-moralista

¹⁵⁵ Meios de Comunicação Social.

¹⁵⁶ Cf. FABRI DOS ANJOS, M. Juventude e crise de valores morais. **REB**, Petrópolis, v. 235, n. 59, p. 542.

funciona como uma “desordem organizadora”: o liberalismo cultural gera mais costumes “moderados” que costumes dissolutos.¹⁵⁷

Fato é que, mediante a multiplicidade de discursos e práticas sexuais, dá-se o impedimento para uma verdadeira vivência da sexualidade de maneira mais humanizada e integradora, como a entende a ótica cristã; “quando tudo se torna sexual, nada mais é sexual. O sexo está em toda parte, exceto na sexualidade.”¹⁵⁸ Reduzir a sexualidade a um território sem limites, negando a necessidade existencial da presença do amor, onde tudo é antecipadamente legitimado é um equívoco, podendo levar à hipertrofia sexual e a uma atrofia antropológica, impedindo que o homem e a mulher cheguem à maturidade. Não se pode dissociar a sexualidade do todo humano, caso contrário esta pode enclausurar-se numa solidão narcisista.¹⁵⁹

Infelizmente, o ser humano caiu nas redes de uma pseudolibertação sexual, que lhe ofereceu a sensação de que pode viver sem ser instrumentalizado. Os ambientes, sobretudo os de entretenimento, manipulam esse sentimento de liberdade, que na realidade não passam de pseudoliberdade. A consequência não poderia ser outra senão o de apenas contentar-se com o prazer imediato, caindo no fastio e na decepção que decorre de tais experiências. Será sempre um processo doloroso de frustração. A ausência do outro, a negação da realidade de que se é chamado a estabelecer vínculos de amor e solidariedade deveria incomodar mais as pessoas.

2.3.2.

O mercado sexual e a excessiva erotização da pessoa

Segue o estudo com alguns elementos relacionados ao assunto da excessiva erotização que decorre dos investimentos pelo mercado sexual sobre as pessoas. O “sexo” tornou-se um produto dentro de uma cultura predominantemente consumista, transformou-se em mercadoria pleiteada. O assunto do prazer está em pauta na sociedade atual e o sujeito o assume, de forma imperativa, especialmente

¹⁵⁷ LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses*, op. cit., p. 37.

¹⁵⁸ CARIDADE, A. *Sexualidade*, op. cit., cita Barthes, p. 67.

¹⁵⁹ Cf. ARDUINI, J. *Antropologia*, op. cit., p. 121-122.

o prazer sexual. Caracteriza-se como “erótica do imperativo do gozo”¹⁶⁰ peculiar na contemporaneidade. Há quem denomine o fenômeno social como de *pan-sexualidade*, em função do culto aos prazeres e da liberalidade dos costumes que invade os mais diversos contingentes. Contrariamente ao discurso de que o sexo afirma a autonomia do sujeito, este tem sido muito mais um lugar de aprisionamento e instrumentalização da pessoa.

Da mesma forma que se consomem mercadorias, consomem-se drogas narcotizantes e experiências sexuais, isto é, o sexo utilizado como uma espécie de “narcótico” da contemporaneidade. Nas experiências resultantes da impulsividade sexual, esse quadro se manifesta ainda mais caótico e doentio, pois a conduta da pessoa é governada por uma busca insaciável de dependência, que ao invés de produzir a tão esperada satisfação e felicidade acaba derrubando-a por sentimentos de vergonha e inadequação. O resultado é um profundo esvaziamento de sentido e de possibilidades de crescimento e maturidade. Um esgotamento de oportunidades quando, não havendo mais a quem seduzir, os seres humanos se tornam seduzíveis ou disponíveis. As ofertas do mercado com a “magia” da sedução retiram, pouco a pouco, o encantamento e a novidade própria de quem busca o mistério do outro; estreitam-se as relações entre sexualidade, ansiedade e consumo podendo chegar até a obsessão em decorrência das facilidades de oferta.¹⁶¹

Alguns autores têm analisado o tema da manipulação social através do comportamento sexual. Há uma espécie de dinâmica histórica nos modos de relacionamentos e comportamento, camuflada por diversos tipos de “espetáculos”, como a sedução, o exibicionismo, a necessidade de ser visto pelo outro. Insufla-se a cultura da sedução alimentada pela publicidade através de espetáculos públicos de exibição perversa explicitando, desse modo, a falta de compromisso com o outro, gerando ansiedade e graves ameaças à dimensão sexual e à pessoa em toda a sua integralidade. A manipulação social, através da sexualidade, pode converter-se em impossibilidade de encontro, impondo-se através de uma postura utilitarista, oportuna para o mercado. O outro acaba assumindo o lugar de “ser manipulado”, como um produto a mais do mercado. “A mentalidade consumista

¹⁶⁰ ARIÈS, P. Sexualidades Ocidentais. In: SARAIVA, J. E. M. *Prazer do consumo ou consumo do prazer?* Erotismo e impulsividade na cultura do consumo. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1998, p. 34.

¹⁶¹ Cf. Ibid., p. 39.

de 'usar e tirar' impregna os modos de relação, que se fazem cada vez mais fáceis, mais numerosos e cada vez mais superficiais.”¹⁶²

Esse tipo de comportamento instrumentalizado, reafirma que o discurso sobre “compromisso” não encontra sentido em nossos dias. A renúncia e o diálogo também não fazem eco. Os efeitos culturais dão cada vez mais força à idéia de que os sentimentos tornam-se “fluídos”, “líquidos”, “voláteis”.¹⁶³ Depara-se com um mercado que atende a demanda de consumidores que acreditam viver um tempo “light”, nos aspectos religioso, social, moral e sexual.¹⁶⁴

Dentro desse aspecto apresenta-se algumas linhas sobre o erotismo, enfatizando o seu dado positivo que deve ser re-significado. O erotismo é um aspecto presente e indispensável na dimensão sexual que integra o existencial-humano. A erotização da sociedade, em princípio, não é negativa. O problema está no que o erotismo tem se transformado, para quê e como é utilizado. Alguns elementos históricos intervêm diretamente para a liberação do erotismo do controle social.¹⁶⁵ Ao longo do percurso, a “liberalidade” sexual foi imprimindo um caráter muito mais negativo para a compreensão do erotismo do que o dado de integração e humanização.

Em referência aos aspectos negativos sobre o erotismo, encontra-se o reforço, através das situações de instrumentalização, da pessoa aliada ao mercado/consumo na sociedade. Esta manipulação pode ser direta ou indireta. Diretamente, vincula-se aos artifícios da exploração sexual utilizados na prostituição, na pornografia, nos produtos adquiridos nos sexshops entre outros. É um mercado montado para a estimulação sexual, alimentando o filão comercial das sociedades neoliberais. Indiretamente, estão os produtos associados à exacerbação da sexualidade; tudo pode ser visto e comprado sob o prisma sexual.

¹⁶² MORANO, D. C. *Cristianismo, sexualidad, homosexualidad*, op. cit., p.5.

¹⁶³ Expressões utilizadas em algumas obras por Z. BAUMAN, por exemplo in: *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001; *Amor Líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004; *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

¹⁶⁴ Cf. MOSER, A. *O Enigma da Esfinge*, op. cit., p. 86-88; cf. LIPOVETSKY, G. *A Terceira Mulher*: Permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 130-153.

¹⁶⁵ Cf. VIDAL, M. *Ética da sexualidade*, op. cit., p. 91-92, o teólogo moralista coloca entre alguns elementos históricos que liberam o erotismo do controle social, a compreensão da sexualidade como um problema científico especialmente com Sigmund Freud, a emancipação do erotismo dos mecanismos repressores através da literatura; o “desvelamento” do erotismo nas telas do cinema produzindo um comportamento mimético por parte da sociedade especialmente a brasileira, e por fim, a problematização da sexualidade feminina, tratada inicialmente por Maria Bonaparte, Helena Deutsch, Melanie Klein e pela escola psicanalítica francesa com Simone de Beauvoir.

É a cultura erótica-sexual que gera consumidores dependentes. A dialética do consumidor-produtor ganha espaço, incentivada pelo contexto político-econômico.

O neo-individualismo, também fator de interdependência com o mercado neoliberal, liberta a prática sexual das antigas obrigações criando ao mesmo tempo uma nova ordem amorosa, com “independência” dos sujeitos, combinando autonomia e regularidade dos costumes, retirando o rigorismo moralista, dando espaço para os prazeres eróticos hedonísticos. O mercado é o mais relevante elemento catalisador para a manutenção do processo de sexualização da sociedade.¹⁶⁶

Hoje, o assunto sobre o “sexo” está em todos os lugares, em programas de TV, nas propagandas, no cinema, através da moda, nas escolas, nas rodas jovens. Muito se fala de sexo mas restringindo-o ao aspecto biológico, materialista, abordando-se precariamente a sexualidade de sua forma integral. No cotidiano, na vida privada, nas famílias o assunto encontra pouca ressonância. Intensifica-se os meios para se mostrar “intimidades” muitas vezes falsas ou forjadas, maquiadas pela fantasia através dos discursos, conversas de bar e em programas de Reality Show, com elevado índice de audiência. Isso aponta para uma urgente necessidade de auto-afirmação pelas pessoas induzidas pelo maquiavélico mercado sexual.

Divulga-se a multiplicidade e troca de parceiros, a sodomia, as relações sexuais ocasionais, uma liberação da prática sexual sem culpa e irresponsável, que estaria sendo legitimada pela idéia de modernidade e normalidade.¹⁶⁷

O ser humano fica reduzido à categoria de objeto e sexo-máquina, capaz de fazer desaparecer toda e qualquer verdadeira sedução. Sedução e erotismo são enfim reduzidos, banalizados e afastados de seu significado original. As consequências para o ser humano são devastadoras pois a instrumentalização nega impreterivelmente a alteridade e a humanização na sua realidade mais profunda, distanciando a pessoa de sua vocação, de seu auto-conhecimento e da possibilidade de ser mais livre e feliz; de ser com o outro e para o outro.

¹⁶⁶ Cf. MOSER, A. *O Enigma da Esfinge*, op. cit., p. 101-103.

¹⁶⁷ Cf. LIPOVETSKY, G. *O Crepúsculo do Dever*. A ética indolor dos novos tempos democráticos. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994, p. 72-73.

Conclusão

Neste capítulo, foram desenvolvidos alguns elementos sobre a compreensão e vivência da sexualidade na sociedade contemporânea. Sem dúvida, a dimensão afetivo-sexual sempre foi uma temática marcada por permanentes conflitos, com repercussões que acabaram afetando a pessoa em todas as suas dimensões.

O distanciamento em torno do assunto, entre a Igreja e a sociedade, entre o discurso ou a “voz” da Igreja e o “povo de Deus” é um fato concreto. Provém dos contínuos desencontros e equívocos na explicitação dualista sobre a dimensão corpórea-sexual da pessoa. O esforço para a desvalorização do corpo, do prazer e do sexo em si, não pode ser ignorado. A vivência sexual é apresentada como aceitável apenas se voltada para a procriação, sobretudo entre os cristãos.

Essas influências extremamente negativas e pessimistas passaram pela modernidade e perduram até os dias de hoje apesar de todo movimento contemporâneo de libertação, nem sempre real, em nome da cultura do sexo.

Na modernidade e contemporaneidade, houve uma multiplicação dos discursos sobre a prática sexual, porém nem sempre sobre a sexualidade na sua forma saudável e integradora. Impede-se uma aproximação com a essência e originalidade de uma vivência da sexualidade que seja de fato expressão do Dom de Deus e caminho de integração e maturidade humana. Deu-se uma falácia em torno da liberação sexual inibindo os relacionamentos humanos que deveriam ser vividos em profundidade.

A revolução sexual (1960) desencadeou importantes mudanças que não mais pararam, abrindo precedentes para novas reivindicações, como por exemplo, maior e real autonomia da mulher nos diversos setores sociais; lutas contra as discriminações relacionadas ao gênero e contra a diversidade sexual e a homofobia; possibilidade de adoção de crianças por parte dos casais homossexuais; direitos sexuais e reprodutivos inclusive dos adolescentes; respeito aos Gays, Travestis e HSH etc.

Com toda essa demanda, crescem os investimentos nas áreas da pesquisa, das Ciências Humanas, Sociais e Biológicas, da literatura, das artes, dentre outras ciências que tratam a seu modo sobre a sexualidade humana. Em todas essas transformações percebe-se “luzes e sombras”.

Outras inovações de ordem tecnológica, sociocultural e econômica intensificam a idéia de independência entre sexualidade e reprodução, fazendo que seja cada vez mais uma realidade sentida e experimentada pela sociedade. Essa mentalidade ou “nova forma de se viver o amor livre” é desculpabilizada, com implicações éticas que precisam ser discutidas tais como a dimensão da responsabilidade e da liberdade; a necessária vivência da alteridade enquanto caminho para a humanização etc.

Ao contrário do sentimento de estar “ferindo” uma normatização imposta, sobretudo pela Igreja, a sociedade contemporânea julga o comportamento sexual atualmente como um processo de maturidade pessoal. Passa muitas vezes como uma autêntica ação ética, como enfrentamento e superação de normas moralistas enraizadas nos pensamentos e comportamentos das pessoas. É uma geração com muito sexo e pouco amor. Obviamente que tais mudanças devem ser consideradas a partir do contexto da instauração de uma “nova época” ou “nova sensibilidade” conforme apresentado no primeiro capítulo.

Foi tratado também neste capítulo, algumas questões relacionadas ao gênero e à diversidade sexual. Focaliza-se as desigualdades e as discriminações sofridas pelas mulheres, pelas pessoas homossexuais, pelas pessoas com deficiências que denuncia a exclusão social como um todo.¹⁶⁸

Os efeitos negativos sobre a concepção e vivência da sexualidade decorrem de inúmeras transformações, em parte, motivadas pela indústria do consumo. Reduz-se a compreensão do sentido da corporeidade e da sexualidade possibilitando a banalização sexual em proporções irrecuperáveis, levando a pessoa por caminhos arriscados e às vezes sem volta. A sexualidade não é mero entretenimento e diversão, o que a levaria ao mais abismal dos vazios e a uma desumanização ainda mais preocupante.

Anuncia-se a idéia de que há um liberalismo sexual, mas não se dá conta que esta realidade é capaz de produzir um sentimento de profundo vazio e decepção, reforçando as frustrações. As experiências “livres”, de prazer imediato, provocam

¹⁶⁸ Cf. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Programa Nacional DST/AIDS*, op. cit., p. 16.19. Conforme o Ministério da Saúde no Brasil, a abordagem sobre o gênero constitui uma das mais imprescindíveis contribuições para “desnaturalizar” e problematizar os fenômenos e os fatores ligados ao processo saúde-doença. A literatura tem sido testemunha de que determinados comportamentos, tanto presente nos homens, quanto nas mulheres, baseados em padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade, são provocadores de sofrimento, adoecimento e morte.

fastios e tentativas de compensação. Esse processo não é ingênuo; é ameaçador. Em seus extremos podem surgir às perversões, como mecanismo de escape e busca de novas sensações e estímulos a fim de se sair dos enfados da “normalidade”.

No fundo dessa “liberação sexual” está o indicativo de um tipo de escravidão, onde os ídolos são substituídos pelos novos modelos tão escravizantes quanto os anteriores. Há uma analogia entre o puritanismo exagerado do passado e a liberação inconsequente dos dias atuais, obviamente respeitando as formas concretas de manifestação de cada manipulação e dos tempos históricos. Ambos estão sob o jugo da escravidão. O certo é que a dimensão sexual continua sendo usada como mecanismo de manipulação e vista de forma dualista.

Toda manipulação é uma forma de violência psíquica que enfraquece a capacidade dos indivíduos para o discernimento e suas escolhas na liberdade. Formam-se homens e mulheres manipuláveis, fragilizados em suas energias e capacidades criativas, levando-os a assumirem a função de objetos/produtos de consumo. Deve-se evitar tanto o puritanismo quanto à liberação desenfreada que também é considerada como elemento de castração da própria identidade e domesticação sociopolítica. E. L. Azpitarte faz uma consideração importante: a sexualidade e o espaço sociocultural devem ser itinerário de conversão da “expressão humana, e, por conseguinte, é impossível estar de acordo com as múltiplas manifestações desumanizantes, que se observam com tanta frequência (...)”.¹⁶⁹

A sociedade muitas vezes tem incentivado as pessoas a “uma dialética sexo-morte”¹⁷⁰ em meio a “uma civilização de agressividade, mecanização e morte.”¹⁷¹ Os sinais de desumanização ferem a expectativa de vida e produzem sentimentos de desespero, angústia e verdadeiras obsessões sexuais.

Na realidade latino-americana estas questões agravam-se, pois trazem tradicionalmente, em sua história, marcas incuráveis de dominação-colonização. Uma civilização construída por um machismo dominante e mantida sob os pulsos da violência e depreciação principalmente em relação às mulheres. Resulta um

¹⁶⁹ AZPITARTE, E. L. *Ética da Sexualidade*, op. cit., p. 41.

¹⁷⁰ GARCÍA RUBIO, A. *Unidade na Pluralidade*, op. cit., p. 469.

¹⁷¹ *Ibidem*.

povo oprimido, auto-erotizado, manipulável e paralisado diante das grandes questões sociopolíticas entre outras.

A justiça de uma sociedade e de uma cultura é medida pelo respeito à dignidade do ser humano. A ordem social e o seu progresso devem estar ordenados ao bem das pessoas. O próximo deve ser percebido como um “outro eu”, sem exceção. Assim, todos os programas sociais, científicos e culturais devem ser orientados pela consciência do primado de cada ser humano.

Conclusão da Parte I

No primeiro capítulo, descreve-se o ser humano influenciado pela sociedade contemporânea.

A modernidade nasce a partir das mudanças paradigmáticas do pensamento racionalista de Descartes - “penso, logo existo”. O ser humano começa a perceber a sua possibilidade de autonomia. Há o predomínio de uma visão autônoma do ser humano, dentro de uma perspectiva analítica e mecanicista. O conceito de subjetividade, vivido de maneira egoísta, resulta no domínio sobre povos e culturas; a desvalorização da experiência religiosa bem como a dessacralização resulta em severa crise de autoridade e no desmerecimento dos aspectos afetivos da pessoa. A vivência sexual continuou sendo vigorosamente rejeitada quando a procriação não era assumida.

Do período pós-moderno privilegia-se as grandes transformações socioculturais sobre a pessoa e constata-se a existência de um ser humano ferido em sua autonomia. Os sinais de desumanização causam a impressão de se estar diante de uma humanidade sem rosto e sem nome. Todavia essa humanidade mesmo machucada pela desumanização e fragmentada pelos efeitos negativos da cultura busca transcender a crise instaurada.

Abordou-se elementos considerados centrais na pós-modernidade, a saber: o individualismo, o consumismo e o neonarcisismo; as novas configurações familiares e o fenômeno da globalização. Estas questões são fundamentais, uma vez que repercutem diretamente nas relações humanas e na dimensão afetivo-sexual do homem e da mulher.

No capítulo segundo, período pós-revolução sexual, acena-se para a acelerada fermentação discursiva sobre a “sexualidade” que desencadeou intervenções governamentais como: “controle da natalidade”; práticas contraceptivas; relações sexuais, fecundidade etc. A articulação sexualidade-Instituição Eclesial apresenta-se problemática, complexa e deficitária, revelando tensão-conflito com variadas manifestações. Progressivamente, as influências exercidas no passado pela Igreja Católica, em matéria de moral sexual, fizeram aumentar notoriamente a distância entre o ensino da Igreja e a experiência e a forma de vida das pessoas, inclusive entre os católicos considerados mais tradicionais. Há um consenso de que, cada vez menos, a religião interfere na vida

das pessoas e de que seus ensinamentos sejam relevantes para iluminar questões que envolvem a dimensão sexual. Constata-se o crescimento de formas “marginais” de se viver a sexualidade, bem distantes da orientação oficial da Igreja. O cristianismo, sobretudo o catolicismo, permanece vulnerável às críticas e às acusações de negar a sexualidade como caminho de integração e humanização.

Diante do exposto nestes dois capítulos, não se deve permanecer com uma postura ingênua acreditando que a “liberação” do sexo, por longos anos aprisionado, seja a solução para algumas respostas ou para a abertura ao diálogo. Isso é insuficiente para se estabelecer uma recuperação do verdadeiro sentido da sexualidade humana. A sociedade atual vem reagindo a um passado de tendência espiritualista, apresentando diferentes antropologias sexuais com significados diversos. O rigorismo cedeu lugar à permissividade e à tendência a um naturalismo biológico ou a uma excessiva psicologização dos comportamentos presentes em muitas correntes de pensamento da atualidade. A ótica de cada antropologia, apesar de oferecer matizes que se justapõem, permitiu uma visão com elementos reducionistas e por isso dualistas.

O processo de educação e de informação desenvolvidos por muito tempo na história da sociedade ocidental e no âmbito eclesial foi prejudicado e ficou aquém da necessidade de apontamento de valores relacionados à dimensão afetivo-sexual da pessoa. Um dos equívocos está na fixação de metas que convertem o sexo em espaço de mercado e utilidade transformando a sexualidade em “lugar” de “diversão e entretenimento, em fonte de prazer e compensação, em jogo que drena tensões e elimina o aborrecimento e o tédio da vida.”¹⁷²

Com exceção das manifestações patológicas de perversão sexual, não há fronteiras que aprisionem a liberalidade do comportamento sexual. Cada pessoa vive sua dimensão sexual como melhor lhe aprouver desde que cuide para que filhos indesejáveis não venham. Esse tipo de “antropologia” encontra eco expressivo no cotidiano social. Diante dessa realidade, corre-se o risco de que tudo o que revele uma orientação de sentido ou um projeto ético com perspectivas integradoras da pessoa possa ser imediatamente rejeitado.

Ao se deparar com uma discussão em torno da sexualidade humana tem-se a impressão que, no fundo, o homem e a mulher vivem fugindo de si mesmos,

¹⁷² AZPITARTE, E. L. *Ética da sexualidade*, op. cit., p. 12.

investindo grande parte de seu tempo em correr atrás de estímulos numerosos sobrecarregando-se de tal forma que podem prostrar-se ou sucumbir. Esse sujeito em sua vulnerabilidade pode ser “lançado” num espaço sem limites, ameaçado de todos os lados.

Essa afirmação, a priori, sinaliza a realidade acerca do que se é capaz de perceber sobre a pessoa e a sua dimensão sexual. Abre caminhos para a necessidade de investimentos que resgatem valores que, de fato, revelem a beleza da sexualidade como dom e sinal de entrega pessoa-pessoa. Vale assinalar que a esperança cristã motiva este trabalho com a proposta de uma “educação para o amor”.

Nesta perspectiva, na segunda parte do trabalho, desenvolvida em dois capítulos, a atenção volta-se para a reflexão teológica a partir de uma proposta antropológica unitária e integradora assumida pela Igreja pós-conciliar e para as contribuições do Magistério Eclesiástico através dos documentos específicos sobre a Ética Sexual.